

APARIÇÕES MARIANAS: CRITÉRIOS DE AUTENTICIDADE

Pe. Dr. França Costa

Conferência no XXI Congresso Teológico da Diocese de Anápolis, 18 de maio de 2017

INTRODUÇÃO: UM 2017 MARIANO

Em 2017, a Igreja no Brasil celebra uma Ano Mariano. O motivo são os 300 anos do encontro da imagem da Nossa Senhora da Conceição Aparecida nas águas do Rio Paraíba em Guaratinguetá (São Paulo). Por outro lado, a Igreja Católica, em todas as partes, agradeceu a Deus, juntamente com o Papa Francisco, no último dia 13 de maio, pelas aparições de Nossa Senhora a três pastorinhos em Fátima – Lúcia, Francisco e Jacinha – e pela canonização de dois deles: São Francisco Marto e Santa Jacinta Marto.

Ao referir-nos a Fátima, é de se notar que muitos ficaram desiludidos quando, no ano 2000, foi revelada a terceira parte do segredo de Fátima. Alguns cristãos talvez esperassem alguma catástrofe, algum fim do mundo, que algum presidente se transformasse na besta do apocalipse ou que ressuscitassem dois profetas do Antigo Testamento para anunciar o fim do mundo e a glória de Deus. Mas não! Tudo se passou tão placidamente, o mundo não acabou no ano 2000 e o terceiro segredo de Fátima se referia à luta do comunismo ateu contra a Igreja Católica.

Por ocasião da revelação do terceiro segredo de Fátima porque, naquela ocasião, o Cardeal Joseph Ratzinger fez um comentário teológico que é uma joia no que se refere aos critérios de autenticidade das revelações particulares e, portanto, também das aparições marianas. Antes, porém de entrar nos critérios de autenticidade, vamos estudar a doutrina sobre as graças extraordinárias que Deus concede para a utilidade comum e o fenômeno ao qual pertence as aparições, as visões.

1. GRAÇAS EXTRAORDINÁRIAS E APARIÇÕES MARIANAS

A graça de Deus é sempre um auxílio, uma ajuda, à nossa liberdade. Deus não “atropela” a nossa liberdade, agindo em nós sem nós, mas auxilia-nos, às vezes desde dentro, outras desde fora, para que possamos conhecer, amar e realizar o bem. Nossa santidade será sempre uma união da graça de Deus com a nossa liberdade em estreita colaboração. Assim como auxiliar uma criança a andar não é andar por ela, Deus auxilia para que a nossa liberdade ande e chegue até mesmo a correr e a ganhar o prêmio; contudo, ele não substitui com sua graça a nossa liberdade.

Quando Deus auxilia “desde dentro” dizemos que se trata da *graça santificante*, que se nos concede no momento do nosso batismo e pode permanecer em nós toda a vida contando que não cometamos pecados mortais. Essa graça é aquela que santifica a alma, isto é, justifica, limpa, purifica, sana e eleva a essência da alma à amizade com Deus, de tal maneira que cada pessoa chega a ser membro da família de Deus: “já não sois hóspedes nem peregrinos, mas sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Ef 2,19). A graça que santifica a essência da alma faz também com que as potências da mesma alma – a inteligência e a vontade – sejam também elevadas através das virtudes da fé, da esperança e da caridade, através das quais podemos alcançar a Deus, uma vez que ele nos alcançou com sua graça. Em resumo: nós alcançamos a Deus porque ele nos alcançou através da graça. Esse acontecimento gracioso é de importância capital em nossas vidas e está na base do nosso relacionamento filial com Deus. Essa graça santificante nos *santifica* e, portanto, nos *faz santos*. Por isso, a linguagem teológica costuma chamar a graça santificante de *gratia gratum faciens*, a graça que nos faz agradáveis, santos, imaculados diante de Deus.

Deus também nos auxilia – tanto aos que vivem na graça santificante como aqueles que não vivem vida de graça – com a sua “desde fora”, isto é, através das chamadas “graças carismáticas”. Essas graças não são auxílios *grata facientes*, mas *gratis datae*²⁶⁵. Elas não pertencem estruturalmente ao organismo da vida sobrenatural cristã – integrada pela graça habitual ou santificante, as virtudes infusas e os dons do Espírito Santo – mas são epifenômenos da vida da graça que podem inclusive dar-se sem a graça santificante. A Sagrada Escritura manifesta essa verdade, por exemplo, no

²⁶⁵Para toda essa parte sobre a graça de Deus e suas “divisões”, veja S. Th. I-II, qq.110-111.

caso do centurião Cornélio e seus familiares que, antes de serem batizados, estando ainda a pregação de Pedro começaram a falar em línguas (cf. At 10,45-47).

Essas graças carismáticas – visões, locuções, revelações, discernimento dos espíritos, hierognose (conhecimento instintivo do sagrado), êxtase, incêndios de amor, estigmatização, lágrimas e suores de sangue, mudança de coração, línguas estranhas, inédia (jejum prolongado), profecias, vigília (prolongada), curas, agilidade, milagres, bilocação, levitação, sutileza, resplendores, perfumes – não são objeto de mérito porque são “graças dadas” por Deus a quem ele quer, quando ele quer, sem mérito do sujeito que as recebe. Como diz São Paulo, essas graças são para o serviço da comunidade (cf. 1 Cor 14). Esses dons podem ser, portanto, transeuntes, isto é, Deus pode concedê-los por um tempo e depois os retirar.

Normalmente, essas graças carismáticas se manifestam na vida dos santos, ainda que elas não estejam necessariamente ligadas à santidade do sujeito. Contudo, é preciso afirmar que os santos são mais dóceis à ação de Deus, razão pela qual a edificação dos outros acontece maximamente através das mulheres e dos homens santos. Suárez dizia que “ainda que Deus, por secreto desígnio, se sirva as vezes de um homem hipócrita para fazer um milagre ou conceder algum benefício extraordinário, é preciso dizer que isso acontece raramente; ordinariamente, não costuma fazer tais milagres a não ser através de homens justos e bons”²⁶⁶. No entanto, já Santo Agostinho deixava registrada que “Deus não concede dons carismáticos a todos os santos, para que os fracos não caiam no erro de pensar que esses fatos extraordinários são maiores que aqueles dons que são obras da justificação, que nos merecem a vida eterna”²⁶⁷.

Ainda que as graças carismáticas (*gratis datae*) não se ordenem *primo et per se* à santificação do que as recebe, nada impede que, uma vez recebidas, tais graças sejam – no sujeito que as recebe – uma motivação enorme para que cresça em santidade. Normalmente, quem recebe um dom extraordinário percebe-se profundamente interpelado a se aproximar mais de Deus, a intensificar sua vida espiritual, a ser santo.

Aplicando os princípios anteriores, podemos afirmar que Nossa Senhora poderia aparecer para um santo ou para um pecador. Por outro lado, a pessoa que vê Nossa

²⁶⁶SUÁREZ, *De gratia*, proleg. 3, c. 4, n. 11, in ROYO-MARÍN, Antonio, *Teología de la perfección cristiana*, Madrid: BAC, 1962, pg. 794.

²⁶⁷ “*Non omnibus sanctis ista tribuuntur, ne perniciosissimo errore decipiantur infirmi, existimantes in talibus factis maiora dona esse, quam in operibus iustitiae, quibus aeterna vita comparatur*” (AGOSTINHO, *De diversis quaestionibus*, 83, q. 79; in ROYO-MARÍN, Antonio, *Teología de la perfección cristiana*, Madrid: BAC, 1962, pg. 793).

Senhora não recebe necessariamente o dom da perseverança final; sem dúvida alguma, a aparição é um impacto enorme em sua vida espiritual, mas poderia acontecer que o sujeito em questão não aproveite essa graça. Lembremo-nos que as graças – quer interiores, quer exteriores – são sempre “auxílios” à liberdade, não “substituições” da mesma.

Uma aparição de Nossa Senhora significará, para o sujeito que a viu, uma espécie de revelação. Sendo assim, o fenômeno “aparição” é ao mesmo tempo um fenômeno de “visão” e de “revelação”. Posteriormente, procuraremos entender o que é uma visão enquanto fenômeno *gratis datum*, no momento vamos entender a aparição enquanto revelação, esse segundo aspecto é, sem dúvida, o mais importante. Em resumo, as aparições são, pois, graças *gratis datae*, que, em certa maneira, se parecem às profecias, mas não coincidem necessariamente com elas. Coincidem com elas porque se comunica alguma mensagem de Deus através dessas visões. Não são exatamente profecias porque o *proprium* da profecia não é a *visão*, mas a luz que Deus concede sobre a visão (*lumen propheticum*), ainda que a (luz da) profecia pode vir também sem nenhuma visão.

2. ENTENDENDO O FENÔMENO “VISÃO”

Ainda que ao pronunciarmos a palavra “visão” estejamos a falar principalmente do sentido da vista, por analogia podemos aplica essa palavra aos demais sentidos e, inclusive, à inteligência²⁶⁸. Aas visões místicas – percepções sobrenaturais de um objeto naturalmente invisível para o homem – podem ser de três classes, segundo aquilo que já dizia Santo Agostinho: visões corporais, espirituais e intelectuais (cf. *De Gen. ad litt.* I.12, c. 7, n. 16). Posteriormente, e seguindo a intuição agostiniana, a teologia espiritual as distinguiria mais exatamente as visões da seguinte maneira:

- Visões corporais: aquelas nas quais o sentido da vista percebe uma realidade objetiva naturalmente sensível para o ser humano, são “percepções externas corpóreas”;

²⁶⁸Para essa parte, seguiremos o esquema de ROYO-MARÍN, por vezes apenas traduzindo algumas partes do seu livro *Teología de la perfección cristiana*, Madrid: BAC, 1962, p. 814-9.

- Visões imaginárias: são representações sensíveis circunscritas à imaginação e que se representam de modo sobrenatural ao espírito com tanta ou maior vivacidade e claridade que as mesmas realidades físicas exteriores, são “percepções interiores”;
- Visões intelectuais: são conhecimentos sobrenaturais que se produzem por uma simples vista da inteligência sem impressão ou imagem sensível, esse tipo de visão costuma acontecer nos altos graus da mística em alguns santos.

Estritamente falando, apenas as visões corporais e as imaginárias são ditas “aparições”. Um exemplo disso são as aparições de Nossa Senhora de Fátima aos três pastorinhos. O cardeal Ratzinger explicou o tipo de visão deles da seguinte maneira:

“As imagens por eles delineadas não são de modo algum mera expressão da sua fantasia, mas fruto duma percepção real de origem superior e íntima; nem se hão de imaginar como se por um instante se tivesse erguido a ponta do véu do Além, aparecendo o Céu na sua essencialidade pura, como esperamos vê-lo na união definitiva com Deus. Poder-se-ia dizer que as imagens são uma síntese entre o impulso vindo do Alto e as possibilidades disponíveis para o efeito por parte do sujeito que as recebe, isto é, das crianças. Por tal motivo, a linguagem feita de imagens destas visões é uma linguagem simbólica”.

Santo Tomás de Aquino oferece um resumo do que temos falado na S.Th, II-II, 173,2c:

Por influxo divino, às vezes são representadas à mente do profeta, mediante os sentidos externos, certas formas sensíveis; e isto aconteceu com Daniel, que viu inscrições sobre a muralha, como se narra no livro de Daniel. Outras vezes, porém, isso se realiza por formas imaginárias, quer Deus as imprima diretamente, sem que sejam recebidas pelos sentidos; como seria o caso de um cego de nascença, em cuja imaginação se imprimissem as imagens das cores; quer ainda essas formas sejam impressas por Deus a partir das coisas recebidas pelos sentidos, como no exemplo de Jeremias, que “viu uma panela ferver que vinha da banda do Setentrião”; quer, enfim, Deus o faça, imprimindo na própria mente imagens inteligíveis; como se vê naqueles que recebem a ciência ou a sabedoria infusas, como Salomão ou os apóstolos.

Segundo Santo Tomás, as aparições de Jesus e de Nossa Senhora, ainda que possam ser visões corporais, elas não acontecem por presença corporal, mas de maneira

representativas e através do ministério dos anjos; a única exceção que S. Tomás faz a essa maneira de pensar é no caso daquela visão que São Paulo teve no caminho de Damasco. *Uma visão pode ser corporal sem presença corporal* porque a visão, neste caso, bastaria que fosse uma forma *exterior* sensível e luminosa. Também se pode afirmar que tal forma exterior – que pode dar-se através do ministério angélico – aconteceria, por exemplo, quando um anjo condensa o ar coloreando-o e modelando-o segundo uma figura humana ou de outra forma, semelhante ao que acontece com as nuvens. Nada impede que o próprio Deus atue dessa maneira a tal ponto de provocar a visão.

3. CRITÉRIOS DE AUTENTICIDADE

Logicamente, quem é agraciado por uma aparição e tem certeza de sua origem divina e deve, por conseguinte, aderir a ela. Contudo, esse critério não vale para quem convive com essa pessoa. Não somente é lícito duvidar da origem da aparição ou da revelação privada, mas é até prudente fazê-lo. Efetivamente, as outras pessoas nada viram. Por outro lado, os fiéis só devem acreditar com fé divina teologal na revelação pública que foi recebida através do critério pneumatológico-apostólico que chegou até nós por Tradição e que é interpretada pelo Magistério da Igreja. Com outras palavras, nem um católico é obrigado a acreditar nas revelações privadas, nem mesmo nas aprovadas pela Igreja. Pois quando a Igreja aprova uma revelação privada ela declara simplesmente que nelas nada há contra a fé católica e que podem ser propostas à piedade dos fiéis como *prováveis*²⁶⁹. Tais revelações não são necessárias, mas podem ser muito úteis em determinados momentos da história. Além do mais, a aprovação de determinada aparição não significa que a Igreja garanta todas e cada uma das palavras transmitidas pelos videntes nas aparições.

O maior critério de autenticidade de uma aparição e, portanto, de uma revelação privada, é aquele que Jesus deixou-nos no Evangelho: através dos frutos: “Guardai-vos dos falsos profetas. Eles vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos arrebatadores. Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinhos e figos dos abrolhos? Toda árvore boa dá bons frutos; toda árvore má dá maus

²⁶⁹Cf. GARRIGOU-LAGRANGE, R., *Les trois ages de la vie intérieure, II*, Paris: 1938, pg. 756. Talvez seja bom recordar aqui que nas chamadas *notas teológicas*, a categoria “prováveis” é a última de uma escala que vai desde as verdades “de fé divina” passando pelos “dogmas” e pelas “doutrinas católicas” até aquelas verdades que são “comuns e certas em teologia”.

frutos” (Mt 7,15-17). Um dos frutos que se percebem na alma de quem foi agradecido é a obediência e a humildade. Nas pessoas que acodem ao lugar das aparições deve-se observar um desejo sincero de crescer nas virtudes humanas e teologais.

Contudo, é interessante ter em conta algumas dificuldades que provêm das anomalias e dos fenômenos surpreendentes que a própria natureza humana pode produzir, como as depressões e as enfermidades. Se não há atenção a essas questões, a pessoa que diz ter visões ou aparições pode estar vivendo apenas momentos de ilusão. Quem orienta um “místico” deve estar atento a possíveis dificuldades do gênero, pois ainda que não saibamos tudo o que a natureza possa fazer, sabemos muito do que ela não pode fazer. Neste exame é preciso evitar dois extremos: 1) transformar o extraordinário em sobrenatural; 2) ver apenas efeitos e manifestações das forças ocultas da natureza em qualquer fenômeno. Ou seja, tudo seria sobrenatural ou nada seria sobrenatural. Esta maneira de observar estaria, logicamente, errada. Nem se pode descartar *a priori* que determinados fenômenos sobrenaturais podem acontecer também em pessoas com enfermidades, o qual torna o discernimento mais difícil ainda²⁷⁰.

Sem dúvida alguma, o temperamento de cada um tem um papel muito importante na própria psicologia. Notícias tristes repentinas podem causar diversos efeitos em diferentes pessoas de acordo com seus temperamentos, a tal ponto de deixar algumas deprimidas e outras preocupadas, porém serenas. Nesse sentido, na hora de examinar os visionários, é preciso considerar a constituição corporal, pois os que não tem boa saúde podem ser facilmente enganados. Pessoas que têm uma imaginação veemente e fértil demais, unida a muita mudança de humor, podem ter a fantasia transtornada a tal ponto de alterarem os sentidos e crerem sonhar acordados ou verem ou ouvirem coisas que não são percebidas pela vista ou pelo ouvido.

Os melancólicos ou neurastênicos são os mais propensos a ilusões místicas. Santa Teresa de Jesus chega a afirmar que não se deveria aceitar candidatas nos mosteiros se essas são melancólicas, mas uma vez que elas chegaram a entrar na vida religiosa, será preciso cuidar delas. Para a santa de Ávila, os neurastênicos podem chegar à loucura se não se submetem a uma orientação sensata (hoje em dia diríamos “tratamento clínico e espiritual”)²⁷¹. O melancólico pode chegar, por concentração de

²⁷⁰Para toda essa parte das dificuldades provenientes da natureza no discernimento dos fenômenos, utilizaremos a obra já citada do Royo-Marín, pg. 802-813.

²⁷¹Cf. SANTA TERESA, Fundações, cap. 7.

seu espírito e extravio da imaginação, a ter fenômenos parecidos com o êxtase, ver coisas por ser muito impressionado e acreditar que tem revelações.

Também as pessoas de temperamento nervoso (colérico), por sua impressionabilidade e movimentos rápidos das comoções, podem chegar a ilusões sérias. No desconcerto de suas imagens alteradas pelas sacudidas bruscas do temperamento, essas pessoas, segundo as circunstâncias, podem ver tanto o natural quanto o extraordinário de maneira torcida. Já as pessoas de temperamento sanguíneo, por serem amigas dos prazeres da vida, se inclinam às suavidades espirituais e aos consolos do espírito facilmente e pode ter, portanto, as ilusões de uma vida ativa e sentimental. Para terminar as considerações em torno ao temperamento, é preciso dizer que Deus concede suas graças acomodando-se ao nosso caráter e, contudo, é preciso estar atento a tudo isso na hora de fazer o discernimento.

Santa Teresa de Jesus, sendo ela mulher, também está de acordo que as mulheres são propensas a visões e revelações:

Deve-se levar em conta que é grande a nossa fraqueza natural, sobretudo na mulher, o que se revela especialmente no caminho da oração. Por conseguinte, deve-se evitar pensar que tudo quanto nos venha à imaginação seja uma visão, porque, acreditai-me, quando o é, dá-se bem a entender²⁷².

Isso se explica porque a mulher é sensível, delicada, afetiva e mais nervosa. Elas vão a Deus por um impulso mais fácil, mas também costumam ser mais inconstantes e insaciáveis de emoções. Por isso, a princípio, só se deve acreditar em aparições a mulheres quando estas já têm a virtude bem comprovada e, preferencialmente, são guiadas por boa direção espiritual. Por outro lado, as mulheres são mais capazes de generosidade e abnegação e por isso também mais abertas e mais dóceis ao influxo das graças extraordinárias. Muitas foram as visionárias verdadeiras, por exemplo, Santa Teresa d'Ávila, Santa Catarina de Sena, Santa Gemma Galgani, Santa Brígida, Beata Helena Guerra, , Beata Alexandrina da Costa, a chamada “santa Lola” (serva de Deus Florípedes Dornelas de Jesus, de Minas Gerais, faleceu em 1999) etc. Homens são normalmente poucos: São Francisco de Assis, São Pio de Pietrelcina, São Benedito o Negro etc.

²⁷²SANTA TERESA, *Fundações*, 8,6.

Tampouco podemos confundir os fenômenos sobrenaturais com aquela atividade intelectual que absorve a mente a tal ponto de causar a chamada *abstractio mentis*; nem tampouco com a fixação do espírito durante uma meditação religiosa intensa e prolongada; nem ainda com as ilusões que podem padecer as pessoas que permanecem em austeridades corporais, já que a diminuição excessiva das forças corporais expõe o espírito a extravios. Logicamente, se uma pessoa está se absorvendo demais nos exercícios intelectuais a tal ponto de perder o sentido das coisas habituais será necessário aconselhar-lhe exercícios físicos e atividades menos intensas para o espírito; se um fiel começa a fazer meditações com tendências à ilusão, será necessário inclusive desaconselhar – segundo Santa Teresa de Jesus (cf. *Fundações*, 7,9) – o exercício da oração mental por algum tempo; se determinadas pessoas começam a fazer demasiados jejuns e outras austeridades, o confessor terá que ter o discernimento de proibir que essas pessoas façam tais exercícios e se divirtam um pouco. Quanto a este último caso, relata Santa Teresa:

Havia uma monja, que não era *menos* virtuosa que as referidas. Com as tantas disciplinas e jejuns que fazia, veio-lhe tamanha fraqueza que toda vez que comungava ou tinha ocasião de enlevar-se em devoção a monja caía e ali ficava por oito ou nove horas, tendo ela e todas as outras a impressão de tratar-se de arroubo. Isso lhe acontecia tão amiúde que, não se houvesse remediado a situação, creio que teria causado muito mal. Circulava por todo o lugar a fama dos arroubos; eu, ao ouvir falar disso, sentia um peso no coração, porque quis o Senhor que eu percebesse o que era, ficando aflita com o ponto a que aquilo podia chegar. O confessor da monja era-me muito dedicado e me narrou o que acontecia. Eu falei o que pensava, dizendo ser perda de tempo, pois era impossível tratar-se de arroubo, sendo antes fraqueza; aconselhei-o a tirá-la dos jejuns e disciplinas e fazê-la distrair-se. Como era obediente, ela assim o fez. A partir do momento em que começou a recuperar a vitalidade, ela foi perdendo a lembrança dos arroubos²⁷³.

Além do mais, não se deve excluir que em muitos fenômenos extraordinários, são obras do demônio, o qual Deus pode permitir que realize inclusive prodígios²⁷⁴. São João da Cruz descobriu, no Convento da Encarnação (Ávila), uma religiosa que estava possuída pelo demônio e que por isso falava línguas estranhas e interpretava as Sagradas

²⁷³SANTA TERESA, *Fundações*, 6,14.

²⁷⁴ Para essa parte veja Juan Luis BASTERO, *Apariciones marianas: praxis y teología*, ScTh 43/2 (2011) 358 e a nota 32.

Escrituras. Também num Convento de Jaén, o mesmo São João da Cruz descobriu que Satanás estava enganando uma freira com falsas visões do Menino Jesus.

Um dos casos mais curiosos foi o de Madalena da Cruz, religiosa espanhola, que nasceu em 1487 e que desde os cinco anos dizia ter aparições de Cristo. Em 1542, uma religiosa do convento descobriu que Madalena era uma mentirosa porque tinha comida na cela enquanto dizia que jejuava e também porque afirmava coisas distintas às leis eclesiásticas. Mesmo tendo sido conhecida em toda Espanha e Europa por sua fama de santidade, Madalena estava possuída pelo demônio, que durante o exorcismo confessou o seguinte: quando Madalena tinha cinco anos o demônio lhe pareceu em forma de Cristo e lhe disse que ela seria santa; quando tinha treze, o demônio lhe apareceu e lhe informou que tinha sido ele que lhe tinha aparecido aos cinco anos. Madalena fizera um pacto com o demônio, o qual lhe fazia realizar os prodígios que tanto admiravam as pessoas.

O Pe. Giovanni Battista Scaramelli (1687-1752), famoso jesuíta que alcançou enorme fama de bom teólogo e cujas obras alcançaram amplíssima divulgação, para que algo seja de Deus²⁷⁵:

- Tem que ensinar o verdadeiro, nunca o falso; portanto, se uma aparição ensinasse algo contrário à fé católica, tal visão seria claramente falsa²⁷⁶.
- Não pode ser vazio, estéril, inútil; isto é, uma aparição que transmitisse apenas coisas que satisfizessem a curiosidade humana sem conhecimentos frutuoso e sem aproveitamento, não seria de Deus.
- Deve iluminar o entendimento, pois Deus é luz; uma aparição ou visão que deixasse a pessoa totalmente confusa, mergulhada em trevas, não vem de Deus. Ainda que, por vezes, Deus permita que certas almas escolhidas passem momentos de escuridão (noites escuras), isso se deve mais a uma prova que purifica mais a alma que à falta de luz; tanto é assim que essas pessoas continuam fazendo tudo santamente, mesmo nessas provações interiores.

²⁷⁵SCARAMELLI, Giovanni Battista, *Discernimento dos espíritos*. Tradução de Leonardo Serafini Penitente. Campinas: Ecclesia, 2015, pg. 71-80.

²⁷⁶A competência sobre a mensagem da aparição pertence ao Magistério da Igreja: “em sentido negativo se poderia dizer que quando as mensagens das supostas aparições contem coisas contrárias à Sagrada Escritura, às verdades definidas pela Igreja, ao ensino unânime dos Padres e Doutores da Igreja; ou quando contem atos imorais e indecentes; e inclusive ridículos e indignos de Deus; podemo-nos dispensar de qualquer exame ulterior: se trata de uma intervenção diabólica ou de fenômenos patológicos ou de torpes mistificações. No entanto, o fato de que a suposta mensagem esteja em total concordância com a doutrina da Igreja não é um sinal conclusivo de que tal mensagem procede de uma verdadeira aparição” [Juan Luis BASTERO, *Apariciones marianas: praxis y teología*, ScTh 43/2 (2011) 359].

- Docilidade. A luz da verdade não quadricula as pessoas, muito pelo contrário, as faz mais livres, pois “estabelecidas” na verdade de Deus, sabem que Deus é muito maior do que sua inteligência é capaz de captar, por isso com humildade essas almas se submetem ao parecer da Igreja. Um visionário que não fosse dócil e, portanto, obediente, teria um claro sinal de não estar sendo instrumento nas mãos de Deus.
- Inteligência discreta, isto é, sabe distinguir as coisas: os conhecimentos retos, convenientes, prudentes, distintos e santos são sinais de que Deus está agindo. Se numa aparição, os videntes manifestam contradições, faltas de distinção e de prudência, então tais visionários estão mostrando que suas revelações não vêm de Deus.
- O agraciado fica cheio de pensamentos humildes, fruto do reconhecimento do seu nada diante do Tudo que é Deus que se lhe manifesta. Um visionário que se achasse muita coisa e, pior ainda, se mostrasse orgulhosamente por ter tido uma “aparição”, estaria mostrando que não entendeu nada de quem é Deus e por isso se acha muita coisa.

A Congregação para a Doutrina da Fé, no dia 25 de janeiro de 1978, emitiu uma nota para o exame das aparições marianas, cujas orientações prudenciais são de perene validade. Um processo para o caso de aparições, caso seja necessário realizá-lo, deveria seguir, substancialmente, esses três momentos²⁷⁷:

- Fazer a investigação preliminar prévia sobre a possível aparição de acordo com os seguintes princípios: 1) certeza moral dos pressupostos fatos; 2) circunstância particulares sobre a natureza desses fatos; 3) qualidades do “vidente”: equilíbrio psíquico, probidade de vida, sinceridade e docilidade, fé reta, frutos espirituais.
- Se o juízo for favorável, a autoridade pode permitir, com grande prudência, alguma manifestação de culto.
- Baseando-se nos frutos espirituais, pode ser realizado o estudo sobre a veracidade e sobrenaturalidade da aparição.

²⁷⁷ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Normas para proceder no discernimento de presumíveis aparições e revelações*, 1978; in Juan Luis BASTERO, *Apariciones marianas: praxis y teología*, ScTh 43/2 (2011) 355.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTERO, Juan Luis, *Apariciones marianas: praxis y teología*, ScTh 43/2 (2011)
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *A mensagem de Fátima*, 2000
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Normas para proceder no discernimento de presumíveis aparições e revelações*, 1978.
- GARRIGOU-LAGRANGE, R., *Les trois ages de la vie intérieure, II*, Paris: 1938, pg. 754-765
- ROYO-MARÍN, Antonio, *Teología de la perfección cristiana*, Madrid: BAC, 1962, pg. 790-791.
- SCARAMELI, Giovanni Battista, *Discernimento dos espíritos*. Tradução de Leonardo Serafini Penitente. Campinas: Ecclesiae, 2015.
- TOMÁS DE AQUINO, *Suma de Teologia*, I-II, q. 110; II-II, q. 174